

DE NARRADORES MUITO ABELHUDOS A LEITORES BORBOLETEANTES: A CRÔNICA FINISSECLAR MACHADIANA

Professora Doutora Patrícia Kátia da Costa Pina(UESC)¹

RESUMO:

Estudo de algumas crônicas de Machado de Assis, publicadas sob a rubrica “A Semana”, no ano de 1895, buscando analisar as relações entre o real e o ficcional, estabelecidas nos textos recortados, por meio de mecanismos discursivos específicos, tais como a natureza fragmentária do tipo de narrativa em tela, o que gera a criação de mosaicos temáticos, cuja “cola” é construída a partir da intertextualidade e de jogos ficcionalizantes, organizados pelo narrador. A questão da flutuação de fronteiras entre documento/ficção funciona, neste artigo, como porta para uma investigação sobre as relações texto/jornal/leitor próprias do final do século XIX. Estudos como os de Nelson W. Sodré, Wolfgang Iser, Luiz Costa Lima, Martyn Lyons, José L. Jobim, entre outros, dão suporte às reflexões aqui desenvolvidas.

PALAVRAS-CHAVE:

Crônica, Literatura, História.

*Não sei por onde comece, nem por onde acabe.
Ante mim tudo é confuso, os fatos giram, cavalgam
outros fatos, sobem ao ar e descem à terra, como
estão fazendo as pedras e lavas do vulcão Llaïma.
Machado de Assis, 3 de novembro de 1895, A
Semana*

Para o cronista, o mundo que deveria ser narrado na crônica cujo fragmento aparece aqui como epígrafe, assemelha-se a um vulcão em erupção: os fatos lançam-se incandescentes ante os olhos e sob sua pena, dependendo de sua intervenção para tornarem-se legíveis ao público da época. Mesmo desnortado pela multiplicidade de acontecimentos que o cercam, cabe a ele traduzi-los em narrativa, colocá-los em ordem. Tal ordenação implica a criação de uma semana « sua », a qual, em decorrência da ação dessa subjetividade ordenadora e seletiva, oscilará entre o factual e o ficcional.

Machado de Assis atuou regularmente, por cerca de quarenta anos, como cronista na imprensa fluminense: entre 1892 e 1897, bem como em parte do ano de 1900, ele ocupou as páginas da *Gazeta de Notícias*, com a coluna “A Semana”. Nela, publicou interessantíssimas crônicas, nas quais relia os principais assuntos noticiados durante a semana e, com sua pena de narrador, atava-os, remetendo o público consumidor do periódico a um suposto repertório comum de conhecimentos, tanto sobre o cotidiano da época, como sobre literatura, música, teatro etc.

¹ Professora Adjunta de Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-BA, Departamento de Letras e Artes.

As crônicas machadianas seguem, no plano discursivo, o mosaico característico da página jornalística: são textos que circulam entre o fato e a ficção, proporcionando ao receptor, de certa forma, uma visão fluida das barreiras entre um e outra. O cronista cria uma espécie de sincronidade entre acontecimentos aparentemente díspares, quase uma costura invisível, que viabilizaria ao consumidor do periódico um processo de reflexão sobre a realidade circundante.

Além disso, sua crônica me parece ser um dos instrumentos mais bem sucedidos de estabelecimento de um contato constante e regular entre texto impresso e leitor. A escrita, simplificada pela natureza do suporte, não deixa escapar o viés crítico próprio da escrita do Bruxo fluminense. Há, entretanto, uma espécie de preservação dos protocolos da comunicação oral, preservação esta que certamente aproximou da escrita os receptores ainda pouco afeitos ao impresso.

Como sinaliza José L. Jobim,

Todo narrador, por mais *engenhoso* ou *criativo* que se pretenda, ao visar como leitor um membro de uma certa comunidade, lança mão de recursos e possibilidades normatizadas e socialmente disponíveis, para que possa atingir sua finalidade, qualquer que seja. Assim sendo, a própria criação de seu texto não é apenas privada, isto é, não pertence à esfera exclusiva de uma subjetividade autônoma, que se pretenda responsável absoluta por sua invenção. (JOBIM, 2002, p.149)

É possível, então, pensar a crônica machadiana sob a luz das relações entre o real e o ficcional e entre a produção e a recepção do texto escrito e impresso, considerando que os dois pólos do processo devem partilhar convenções, códigos, repertórios, enfim, que confirmam legibilidade à palavra publicada.

Dessa forma, a semana do cronista não é tão particular assim, até porque ele quer que sua narrativa seja lida e compreendida – ele precisa do leitor, de sua adesão. A intervenção desse peculiar contador de histórias sobre o mundo factual será sempre « controlada » pelas expectativas referentes ao segmento de mundo ao qual ele se dirige. O narrador em geral – e o narrador das crônicas de Machado de Assis, em especial – é um intérprete daquilo que narra. Mas interpretar não significa apenas traduzir idéias para uma linguagem mais acessível; significa, bem mais, trazer o objeto para cenas cujos valores e perspectivas são alteridades em posição dialógica.

A crônica parece criar uma intersecção entre jornalismo e literatura, entre história e ficção, habitando esse espaço intersticial através de jogos ficcionalizantes, que desterritorializam as polarizações apontadas. Trata-se de uma tessitura que se realiza por meio de atos de fingir, os quais transgridem e ultrapassam as fronteiras do real, do histórico e do imaginário.

Assim, a colocação dos fatos – que desabam como lava de vulcão sobre o cronista – numa ordem narrativa implica, antes de tudo, selecioná-los e combiná-los entre si, processos esses que, por sua vez, tanto remetem ao mundo referencial, como o reinventam. (LIMA, 1989, p.95-97)

Daí, advertências ao leitor como a que se segue: « ...não me leias como os que têm pressa de ir apanhar o bonde ; lê e reflete. »(ASSIS, 1957, V.28, p.14) O cronista pede atenção, concentração : sua crônica, por ser uma narração do já narrado, do já vivido, requer atenção maior, requer reflexão.

O cronista é, como o define uma ficcionalização de leitora, em crônica de 11 de setembro de 1864, publicada sob o título « Ao Acaso », no *Diário do Rio de Janeiro*, muito amável, mas antes, « Muito Abelhudo » :

Mais algumas linhas e vou escrever as minhas iniciais.

Que querem dizer estas iniciais ? perguntava-se em uma casa esta semana. Uma senhora, em quem a graça e o espírito realçam as mais belas qualidades do coração, – disse-me um amigo, – respondeu :

– M. A. Quer dizer – primeiramente, *Muito Abelhudo*, – e depois, *Muito Amável*.

O meu amigo acrescentou :

– Alegra-te e comunica isso aos teus leitores. (ASSIS, 1957, V. 23, p.148)

Estamos todos devidamente informados dessas marcas do cronista, tanto os leitores de hoje, como os de ontem. Amável, é claro, pois era necessário seduzir o arisco leitor oitocentista. Abelhudo, definição bastante pertinente, por revelar a variabilidade do alimento do folhetinista, a saber, os diferentes fatos da semana.

Metáforas e comparações à parte, o cronista machadiano é um contador de pequenas (e grandes) histórias do dia-a-dia, cuja técnica é fragmentá-las e engatá-las uma a outra, num processo lúdico que capta a atenção do leitor por inseri-lo no jogo do texto, ao mostrar-lhe a natureza multifacetada do narrado.

Wolfgang Iser, ao tratar da narrativa ficcional, domínio que entendo ser mais pertinente à crônica do que o da narrativa documental, historiográfica, aponta três atos de fingir, atos estes que configuram o imaginário textual e viabilizam a relação texto/leitor, bem como a relação entre fato e ficção:

A seleção estabelece um espaço de jogo entre os campos de referência e suas distorções no texto. A combinação cria outro espaço de jogo entre os segmentos textuais interagentes. E o *como se* cria mais um espaço entre o mundo empírico e a sua transformação em metáfora para o que permanece dito. (ISER, 1999, p.70)

O discurso que constrói a História e o que compõe a ficção literária não são idênticos, mas têm em comum a organização narrativa, a qual, por sua própria natureza, implica uma ação seletiva e combinatória do historiador e do ficcionista sobre o mundo que constitui o objeto de cada um. Enquanto o historiador aponta aquilo que estuda, o ficcionista impõe ao representado uma distância.

Tal distância vem por conta do autodesnudamento, terceiro ato de fingir na teoria iseriana. E é exatamente este terceiro ato que me interessa, nessa reflexão sobre a crônica de Machado de Assis e seus leitores.

Quando se depara com a cascata de fatos da semana que o assola, o cronista costura-os como pode, lançando mão de um repertório de leituras e saberes partilhados pelo leitorado alvo da folha em que publica : fazendo isso, ele expõe seu texto deliberadamente como ficcional, sem excluir de sua composição o factual.

Em crônica de 11 de agosto de 1895, o cronista registra observações correntes sobre a questão da leitura :

Que pouco se leia nesta terra é o que muita gente afirma, há longos anos, é o que acaba de dizer um *bibliômano* na *Revista Brasileira*. Este, porém, confirmando a observação, dá como uma das causas do desamor à leitura

o ruim aspecto dos livros, a forma desigual das edições, o mau gosto, em suma. Creio que assim seja, contanto que essa causa entre com outras de igual força. Uma destas é a falta de estantes. (ASSIS, op. cit., V.28, p.414-415)

O narrador parte da afirmação comum, corriqueira já nessa época e ainda hoje, de que não há leitores no Brasil, afirmação esta que passa de tema de conversa nos salões e nas confeitarias à palavra impressa e concretizada nas páginas da *Revista Brasileira*. Sua reflexão, acompanhando a do bibliômano, se desenvolve, a princípio, numa linha próxima a estudos contemporâneos sobre leitura, que levam em consideração o suporte material do impresso. Daí, o caminho entra no campo da ambigüidade, ou melhor, da metáfora : o cronista levanta a questão da falta de « estantes ».

É claro que as estantes a que ele se refere seriam peças do mobiliário, mas é possível perceber, também, que essas estantes não são somente os móveis que acomodariam os livros, elas remetem o leitor à questão do cânone literário, responsável pela orientação do gosto, bem como à quantidade, qualidade e disponibilização de títulos, afinal, « ...ninguém pode comprar o que não há. » (Idem, p.415) Não há efetivamente, então, mercado livreiro, embora haja mercado para a música, o canto... A cultura livresca não está bem assentada em nossa sociedade. Tal dedução remete ainda às relações entre fato e ficção estabelecidas nas crônicas machadianas e direcionadas ao leitorado próprio de cada folha em que eram publicadas.

O público leitor oitocentista agrega segmentos sócio-culturais diferenciados, sendo alguns emergentes e ainda pouco afeitos ao consumo do impresso. As mulheres, por exemplo, só surgem significativamente como leitoras no Brasil a partir da primeira metade do século XIX, até então, poucas sabiam ler e tinham acesso a publicações.

Dessa forma, escritores e editores « associaram-se », no intuito de criar e manter hábitos de consumo do impresso e padrões de gosto pela leitura literária (PINA, 2002). « Traduzir », portanto, os fatos da semana, selecionando-os, combinando-os entre si e conferindo-lhes um caráter ficcional – marcas da crônica da época – pode ser entendido como um instrumento de sedução dos variados tipos de leitores potenciais existentes no Brasil do oitocentos.

Esse processo de ficcionalização do cotidiano tem na crônica machadiana uma estratégia discursiva básica : o cronista constrói um fio condutor para a releitura que faz dos fatos da semana, o que lhe permite estabelecer certa continuidade narrativa dentro do mosaico textual. Na crônica de 3 de novembro de 1895, o cronista começa mostrando sua desorientação diante dos múltiplos e « caóticos » acontecimentos da semana. São muitos « fatos », dentre os quais ele deverá selecionar alguns. O critério dessa seleção, a linha que a costura, é anunciado no primeiro parágrafo : os algarismos.

Temas recorrentes na crônica machadiana, números e finanças são, muitas das vezes, seu mote para a construção dos textos. O próprio cronista afirma : « Tenho visto muito algarismo na minha vida, variando de significação, segundo o tamanho e a matéria. » (ASSIS, op.cit., p.28)

Algarismos são sempre os mesmos, mas quem os « narra » pode, certamente, atribuir-lhes sentidos diferenciados. Sem definir exatamente a que algarismos estaria se referindo, o cronista vai apontando como os números desenham os valores da sociedade lida e narrada e, ao terminar o segundo parágrafo, aponta sua precisa importância :

Se alguma cousa merecem os meus pecados, peço a Deus a vida precisa para nesses dias futuros incorporar uma companhia, receber vinte por cento das entradas, levantar um empréstimo para

fazer a obra, fazer as malas e fazer a viagem do céu com escala pela Europa. (Idem, p.29)

Ser capitalista – chave para uma vida bem sucedida no final do oitocentos brasileiro. Mas os números cegam, são « espinhos agudíssimos » (Idem, p.30). É curiosíssima a imagem criada pela ironia machadiana, para referir-se aos valores que compõem o orçamento a que a crônica alude : ele refere-se a um quadro de títulos e ações publicado pelo *Jornal do Comércio* no dia de finados. No dia dos mortos, o assunto era dinheiro.

Daí, o cronista passa a « narrar » o teatro durante a semana. Do orçamento aos mortos, deles ao teatro. Não é possível perceber que as discussões sobre os números seriam mera encenação ?

O mesmo teatro não afasta a crônica dos números, tanto do orçamento municipal, quanto de atores para os elencos. O que também é intrigante. Refere-se, então, a uma peça da época em que a atriz Palmira representava 24 papéis :

Entre a simples frase da outra e estes vinte e quatro papéis, há um abismo e um mundo. É o menos que posso dizer : mil abismos, mil mundos são demais. Fregoli revelou-nos o modo de ver uma infinidade de pessoas, em cinco minutos, pessoas e vozes, que as tinha todas. Palmira, sem as vozes, dará os papéis, mas não ficaremos aqui. (Idem, p.32)

A « frase da outra » a que o narrador se refere é a de uma atriz que enfatizou uma palavra em sua fala, diferentemente do que foi indicado pelo autor, levando o público às gargalhadas. A atuação no palco traça uma relação íntima com o público, seja a da atriz que altera a natureza da fala, seja a da atriz que representa inúmeros e diferentes papéis.

A crônica termina com uma afirmação do narrador : « ...a variedade deleita . » (Idem, p.33) Deleita, distrai, dispersa, disfarça. O mosaico que a crônica machadiana constrói pode ser lido como um disfarce da escrita, como uma máscara que supostamente esconde o que deve ser mostrado.

O término quase abrupto da crônica em questão não está distante do início, como parece à primeira vista. O mote é o mesmo: os Algarismos. Essa é a linha que costura a narrativa. Não os Algarismos pura e simplesmente, mas a significação dos números, principalmente, dos valores financeiros no cotidiano brasileiro finissecular.

Para Iser, por meio da ficção o leitor pode atravessar as fronteiras do mundo instituído, uma vez que ela refaz o mundo, antropofagizando a realidade. Segundo ele, o texto ficcional não é pleno em si, carrega vazios que demandam a projeção do leitor. A leitura é, assim, uma atividade comandada pelo texto :

...a relação entre texto e leitor só pode ter êxito mediante a mudança do leitor. Assim o texto constantemente provoca uma multiplicidade de representações do leitor, através da qual a assimetria começa a dar lugar ao campo comum de uma situação. Mas a complexidade da estrutura do texto dificulta a ocupação completa desta situação pelas representações do leitor. O aumento da dificuldade significa que as representações devem ser abandonadas. Nesta correção, que o texto impõe, da representação mobilizada, forma-se o horizonte de referência da situação. Esta ganha contornos, que permitem ao próprio leitor corrigir suas

projeções. Só assim ele se torna capaz de experimentar algo que não se encontrava em seu horizonte. (ISER, 1979, p.88-89)

Pela própria indeterminação, a relação texto-leitor abre incontáveis possibilidades de comunicação, que dependem dos mecanismos textuais de controle. Os vazios, as negações, as supressões, as cesuras, os cerzidos do texto, enfim, dão o lugar do leitor, quebrando o fluxo textual, interrompendo a articulação discursiva sequencial. Dessa forma, o texto pode provocar o imaginário do leitor, dinamizando o impresso.

A técnica narrativa utilizada por Machado de Assis em suas crônicas engloba essa relação ambígua com o leitorado, esse jogo de esconde-mostra, que se concretiza nos textos por um sistema de comparações, para o qual concorrem, além dos « fatos » noticiados durante a semana, referências literárias, culturais, históricas etc. O folhetinista goza de certa liberdade em seu ofício, não é exatamente um operário que deva receber e cumprir ordens restritas. Quem lhe dita ordens, mais que a folha que o publica, é o leitorado da época, são os segmentos sociais que compram os periódicos onde se imprimem as crônicas.

A sociedade brasileira, que não sofreu grandes transformações aparentes na mudança do regime político de Império para República, é reinventada, é ficcionalizada, nas crônicas machadianas. Segundo Nélson Werneck Sodré,

A República, quando altera aquele aparelho de Estado, traduz o problema: cai o Poder Moderador, cai a vitaliciedade do Senado, cai a eleição à base de renda, cai a nobreza titulada, cai a escolha de governadores provinciais, cai a centralização. (SODRÉ, 1976, p.292)

É a classe média a camada da sociedade que passa a participar, ainda que transitoriamente, das esferas de poder. O comerciante torna-se figura social importante. Após o advento da República, o Brasil entra, explicitamente, na fase da capitalização, ou melhor, há um esforço para que se adaptem as condições nacionais internas às condições externas. Nesse processo, o jornalismo traz uma nova perspectiva para os escritores de literatura, os quais passaram a ter nas folhas impressas um passaporte para sua inserção no mercado cultural oitocentista. Eles podiam publicar seus romances e contos nos rodapés jornalísticos e podiam, também, exercer a função de reinventar o cotidiano nas seções semanais de crônicas.

A crônica machadiana trazia a história latente em sua composição, mas não a história como verdade ; trazia, sim, a história da qual o cronista se havia apropriado. Este se ocupava da história miúda, cotidiana, fragmentada, que não ganharia as páginas dos diferentes compêndios « s rios », que registravam fatos e feitos grandiosos e simbólicos. O leitorado da época, ousou sugerir, ouve no silêncio da escrita da crônica as histórias que protagoniza, direta ou indiretamente, em seu cotidiano.

No dia 8 de dezembro de 1895, o cronista retoma a questão financeira : « Dai-me boa política e eu vos darei boas finanças. »(ASSIS, op.cit., p.54) Ele dá o autor do aforisma : barão S. Louis. Essa « citação » abre a crônica e d  o fio da costura para as « diferentes » questões que são enfocadas.

O segundo parágrafo da crônica define a primeira questão : os escritos de um Senador e do presidente do Banco da República, que deixam o cronista at nito :

Podem arregimentar diante de mim os algarismos mais compridos, som -los, diminui -los, multiplicá-los, reparti-los, e eu

conheço se as quatro operações estão certas, mas o que elas podem dizer, financeiramente falando, não sei. (Idem, p.55)

A confissão de ignorância não é gratuita. Afinal, como é registrado na crônica de 3 de novembro do mesmo ano, o narrador não desconhece os Algarismos, mas sua variada significação, isto é, suas implicações políticas, culturais, sociais é que são o verdadeiro mistério. Daí, o cronista passa à política e discute o projeto de Nilo Peçanha, sobre fraude e violência no período eleitoral, projeto este que leva o narrador de volta aos Algarismos :

Questão de Algarismos. Vingou o plano ; a lei desapareceu. Vi outras reformas, vi a eleição direta servir aos dois partidos, conforme a situação deles. Vi... Que não tenho eu visto com estes pobres olhos ? (Idem, p.59)

O cronista machadiano reduz todas as facetas da criação humana a números, daí a complexidade significativa destes últimos. E tal redução aponta, ainda, para a instabilidade que marcava a vida brasileira na época, tanto nas finanças, como na política, como na cultura.

Enquanto narrador « Muito Abelhudo », que escreve para um leitorado heterogêneo e borboleteante, tanto em termos de repertório, como em termos da própria habilidade de reconhecer as territorialidades do ficcional e do não-ficcional, o cronista machadiano faz deslizar as fronteiras dessas mesmas territorialidades e capta a atenção de grupos diversos de consumidores, certamente estabelecendo padrões de gosto, criando hábitos de consumo do impresso e provocando, ao menos em parte de seu público, um movimento de reflexão sobre o universo que a todos cercava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **A semana**. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre, W. M. Jackson Inc., 1957. V.28. 444p.

_____. **Crônicas**. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre, W. M. Jackson Inc., 1957. V.23. 414p.

ISER, Wolfgang. « O fictício e o imaginário ». In : ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Teoria da ficção : indagações à obra de Wolfgang Iser**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999. 260p.

_____. « A Interação do Texto com o Leitor ». In : LIMA, Luiz Costa (org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. JOBIM, José Luís. Formas da teoria. Rio de Janeiro, Caetés, 2002. 242p.

LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário : razão e imaginação nos tempos modernos**. 2ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989. 282p.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. **Literatura e jornalismo no oitocentos brasileiro**. Ilhéus, EDITUS, 2002. 197p.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. 9ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976. 415p.